

Vamos todos falar a mesma linguagem?

Parentalidade consciente



As “novas” crianças são maravilhosas - elas trazem consigo logo à nascença uma série de capacidades e “dons” que nos extasiam. Além das características individuais inerentes ao seu próprio código genético, elas evidenciam quase coletivamente uma consciência de grupo e uma grande sabedoria (com base no amor e na interajuda) que começa a manifestar-se muito cedo, antecedendo mesmo a fase de pré-socialização; é como se trouxessem consigo uma programação especial para a Nova Era. Será este o efeito do designado genoma humano, construído através de novas práticas maternas durante a gestação?

Muitas são as teorias que tentam explicar este fenômeno. Ele não é novo, mas acentua-se a cada geração, tendo inspirado novos modelos pedagógicos infelizmente ainda pouco adotados entre nós na rede de ensino público ou privado.

Até há umas décadas atrás considerava-se que apenas os filhos deveriam aprender com os pais e os anciãos. Hoje em dia este processo já não é apenas unidirecional e os pais dispõem-se também a aprender com os filhos. Este novo traço cultural é um exemplo de uma “parentalidade consciente”. São, porém, ainda muito poucos os pais “despertos”... O que acontece então com estas “novas” crianças?

Ora manifestando índices muito elevados de agitação e dispersão, ora distanciando-se de muitas esperadas representações – elas encontram assim a sua forma de manifestar um desagrado (que não sabem expressar verbalmente) com um sistema de ensino com o qual não se identificam e com uma ausência real e recorrente dos pais da sua vida diária

(seja porque chegam tarde a casa ou porque lá não revelam disponibilidade para priorizar os filhos).

Estas crianças sentem-se “desenquadradas”. Os pais – submersos em múltiplas exigências profissionais e sociais – tentam compensar “faltas” que possam existir na educação com um excesso de atividades extracurriculares, o que frequentemente acentua a dispersão, a ansiedade e agitação, a falta de atenção e por vezes baixos níveis de aproveitamento escolar (não obstante o elevado índice de percepção cognitiva de que estas crianças são portadoras)...

No quadro de uma parentalidade consciente, o que importa acima de tudo é criar as condições para um ambiente familiar (uma vez que a família é o embrião da sociedade) harmonioso, onde impere acima de tudo uma uniformidade não redutora e simbiótica de conceitos e formas de estar. A “transgeracionalidade” consciente é importante como fonte de coesão familiar e fator de construção de uma personalidade saudável para uma cidadania harmoniosa.

A aquisição de uma nova consciência social e ecológica, e de novos procedimentos comportamentais (que incluem a prática da meditação, o autoempoderamento, entre outros) não deve ser apenas um requisito de aprendizagem exclusivo destas crianças mas, pelo contrário, ser transversal a todo o grupo em que elas se inserem. Há programas de consciencialização e empoderamento estruturados para todos os grupos etários. Vamos todos aprender a falar a mesma linguagem? **Z**

Isabel Gonçalves

Life Coach e Formadora (Cursos “Novas Crianças - Aprender a Ser[®]” e “Amo-me, Curo a Minha Vida e Conquisto os meus Sonhos” seg. Método *Heal your Life[®]* de Louise Hay para Adultos e Adolescentes)
www.harmonizando.com

